

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUOMAR TORREZÃO

1.ª SERIE

LISBOA, 19 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 14

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

A redacção das RIBALTAS E GAMBIARRAS desejando tornar cada vez mais interessante e variada a leitura d'esta revista, correspondendo assim ao extraordinario exito que ella tem obtido no publico, vae brevemente começar a dar em folhetins a traducção do ultimo romance de George Sand, ALBINA, que principiou agora a ser publicado na NOUVELLE REVUE para o que obteve a indispensavel auctorisação da sua illustre redactora, madame Adam.

CHRONICA ALEGRE

É difficil escrever uma chronica alegre em presença de tantos factos tristes.

Valha-nos a convicção de que não ha acontecimento triste que não tenha a sua fase alegre.

Recapitulemos os successos lamentaveis, ou por outra procedamos á operação de os escovar, de os defumar... com alfazema e asucar e de os arejar na temperatura neutra da litteratura amena.

Lisboa que tem pelo *far niente* das raças orientaes, narcotizadas a opio, um excesso de parcialidade que mal se coaduna com a vivacidade nervosa da raça meridional, espertada pelo sol da Península, resolveu em vista dos ultimos acontecimentos erguer-se do alto das suas sette collinas verdejantes, desviar por um momento os seus bellos pés de sultana animada do Tejo de crystal que se dá ao amoroso fetichismo de oscular-lh'os insistentemente, segundo affirmam varios poetas, e fazer como a sua buliçosa visinha, a odalisca do Manzanares, o que ella em phrase concisa e pittoresca chama um *pronunciamento*.

Cheia do heroismo epico insufflado pelos jornaes baratos e convicta das circumstancias criticas apregoadas em phrases de um feitiço não inferior ao peso, Lisboa pôz um pé na rua, para a qual a impellia o fantasma da Revolução, (a quem, mesmo sem possuirmos o barrete phrygio e a lyra republicana de Angelina Vidal, concedemos n'este momento as honras de letra maiuscula) deixando, á cautela, outro pé em casa, onde o retinham a preocupação do cozido e as seducções do café.

Depois de discursar nos *meetings*, ou por outra de ouvir fallar quatro ou cinco oradores,—oposição,—e outros tantos oradores,—republica,—Lisboa entendeu que o melhor que tinha a fazer em seguida á exaltação patriótica que lhe agitara o espirito, era servir ao estomago o jantar de que elle não podia prescindir nem mesmo em presença do verbo eloquente do sr. Magalhães Lima.

A população, aglomerada em massas compactas de 4:000, 5:000 e 6:000 pessoas, a mesma população que dera por occasião do Centenario o mais evidente e commovedor testemunho da brandura de um povo e da civilisação adiantada de um paiz, policiando-se a si propria, independente do militarismo ou da policia civil, que o governo tivera então o bom senso de retirar da circulação, começou a desfilar tranquillamente, pacificamente, substituindo os revolvers, inventados pela *blague*, pelos chapéos de chuva exigidos pela insistencia da mesma, accendendo charutos em vez de accender escóvas e arregaçando as calças para fugir ao contacto da lama que alastrava as ruas em vez de arremangar-se para levantar barricadas.

No momento, porém, em que ella, a preguiçosa, descera do alto das suas sette collinas, o exercito saíra a marche marche do recinto dos seus quartéis. Em presença das legiões que avançavam, disparando phrases e espalhando salpicos, empunhando chapéos abertos e trajando calças arregaçadas, fustigadas por uma surriada de grossos pingos d'agua, o militarismo, estimulado nos seus brios e amea-

gado pela approximação do *inimigo*, não podia deixar de ferir batalha.

Foi então que os descendentes de Viriatho cubriram de gloria as espadas legendarias assentando-as nos lombos dos patricios inermees, abrindo-lhes a cabeça e desmanchando-lhes os braços, perfeitamente no exercicio auctoritario do seu poder indiscutivel de força armada, embora em transgressão absoluta com o direito que tem todo o cidadão pacifico a que lhe respeitem as suas costellas, muito mais depois de concorrer com os seus tostões para alimentar esses bellos animaes que o sovam.

Mas ah! *que não sei de nojo como o conte*, sobre tantas occorrencias dolorosas a chronica tem ainda de registrar outra catastrophe não menos deploravel.

A Politica, essa personagem bifronte, eminentemente massadora e sufficientemente ambiciosa, contentara-se até agora em figurar nos debates parlamentares, nos dialogos da Casa Havaneza e nas pausas do whist.

Os rapazes repelliam instinctivamente as suggestões da Aspasia venal; as raparigas odiavam-n'a e faziam-lhe esconjuros com as suas mãos finas e alvas. Nos reposteiros das salas onde scintilla o dialogo espirituoso, effervescente e agri doce como o Champagne, os politicos liam a sentença fulminadora do inferno dantesco.

A ultima attitude, porém, da politica portugueza, provocou entre varios infortunios que se impõem á nossa compaixão, uma desgraça que provoca as nossas lagrimas.

A Aspasia, que as senhoras portuguezas não tinham querido receber, não obstante a solicitude com que ella pedira para lhes ser apresentada, enviando-lhes varias cartas de recommendação e outros tantos bilhetes de visita, penetrou afinal nas salas de ss. ex.^{as}, invadiu igualmente os seus aposentos familiares, apoderou-se da sua intimidade, conquistou as suas sympathias por fórma tal que as elegantes senhoras da alta vida lisbonense, que até aqui fugiam horrorisadas ao deparar-se-lhe Dona Aspasia, vão hoje vél-a ao Parlamento, povoando as galerias e recheiando as suas conversações de phrases allusivas.

E por isso que essas chaves de rhetorica: *as instituições ameaçam subverter-se, o paiz oscilla nos seus eixos, os manejos da opposição, as tricas governamentais*, etc., que até aqui só abriam e fechavam os artigos de fundo soporíferos, abrem hoje e fecham os *boudoirs*.

Esses farrapos da eloquencia tribunicia disputados a bico de penna pela eloquencia periodica, figuram actualmente, com uma fixidez implacavel, imprimindo-lhe um aspecto masculino *depaysé*, na conversa de todas as senhoras.

Não, mil vezes não!

Se acaso os srs. militares, porque afinal são elles os unicos progenitores d'essa filha espuria que se chama bernarda, depois de procederem á delicada operação de acutilarem nossos paes, na pessoa do povo, contribuem para inverter a isenção delicada com que a mulher até ao presente se mantinha estranha ao pugilato verbal e inglorio dos partidos, na pessoa de nossas mães e irmãs, nós, no exercicio da nossa auctoridade mental, retiramos a trova com que obsequiaríamos os mesmos srs. militares trocando-a pela pranchada com que ss. ss.^{as} obsequiaram os habitantes de Lisboa.

Á ultima hora, a morte do czar Alexandre II, o libertador do *moujik*, affirmando o triumpho execrando do nihilismo, equivalou para este cantinho do Occidente a uma verdadeira derrota artistica.

A impressão dolorosa proveniente d'esse assassinato canibalesco, realizado na pessoa de um velho defendido pela aureola dos cabellos brancos,—essa realisação sagrada que a Asia, isto é a barbarie relativa, respeita e ama, e que a Europa, a civilisação adiantada,

cobre de balas e de tropos attentatorios — junta-se o logro resultante da partida subita de Rubinstein, o pianista maravilhoso, que assombrou o dilettantismo lisbonense, a unica vez em que lhe foi dado ouvir-o, e que a Russia, para não desmentir o seu regimen tyrannico, acaba de roubar-nos despoticamente

G. T.

QUESTÃO LITTERARIA

Na nota final do segundo volume da *Historia de Portugal* do sr. Oliveira Martins, depara-se-nos uma referencia ao sr. Camillo Castello Branco com respeito aos subsidios importantissimos prestados pelo grande romancista ao trabalho de reconstrução historica e ethnica do illustre escriptor. Transcrevemol-a, com a devida venia, trazendo assim á luz da verdade um depoimento insuspeito.

A HISTORIA DE PORTUGAL E OS CRITICOS

Ao sr. Camillo Castello Branco (*Bibliogr. port. e estrag.*, n.º 1, II anno) não fez a HISTORIA DE PORTUGAL essa impressão. O illustre romancista, tão sabedor dos casos typicos da nossa historia, tão lido nas velhas chronicas e nas revelações dos livros raros ou tidos por sem valor, mais do que ninguem podia avaliar a exactidão com que enumerei os casos abundantes d'onde se podia tirar uma historia dos costumes e pensamentos, dos caracteres da nossa gente. O sr. Camillo Castello Branco, applaudindo o livro e concordando na maneira de apreciar e collocar os traços dispersos com que era necessario construir os quadros e as figuras, não deixou de notar mais de um erro, mais de um lapso; e a pontualidade com que adoptei as suas emendas, é a melhor prova que eu posso dar do meu cordeal agradecimento. Não pararam, contudo, aqui os obsequios que me dispensou; e se o leitor tiver a paciencia de cotejar os textos da 1.ª e da 2.ª edição verá, além das emendas, aneddotas e traços novos: são os que eu pude colher em obras preciosas e raras que da sua riquissima livraria me prestou o sr. Castello Branco. Acima de todas ponho uma colleção *mss.* de sentenças da Inquisição e outros documentos para a historia do mysticismo portuguez — que deviam estar impressos.

«Nem tudo foi porém applauso no parecer do sr. Camillo Castello Branco, que não pôde esconder um certo fracó pelos jesuitas. Não fôram elles, foi Camões, quem excitou os ardores de D. Sebastião: eu acho que fôram ambos. A educação jesuita influiu pouquissimo no espirito ignorante da nobreza, diz-me. Seria assim, ainda que não parece; mas influiu muitissimo na instrução do povo, o que vale mais, e na direcção moral de toda a gente, — e isto é o essencial quando se trata de educação; porque esta palavra não inclui apenas o que se aprende nos livros, abrange o ensino do pulpito, do confessorario, da alcova. — Os jesuitas, diz por fim o sr. Castello Branco, não tem que ver com a corrupção da India: e eu louvo-me no dizer do *Soldado pratico*, onde Couto afirma como elles sabiam defender casuistica, probabilistamente, as *peitas* com que se compravam governadores e juizes.

OLIVEIRA MARTINS.

Camillo Castello Branco e a «Corja»

III

Dolorosamente me fere nos calcanhares, ambos vulneraveis, o meu Conceição perdido. Mais feliz do que a victima de Paris, não morro, — ah! socegue Conceição — o bréjeiro — nem mato. A «*avallanche* da critica» não o esmagará d'esta vez nos Alpes desolados. Podem morrer as camurças e outros quadrupedes de bojo; o persevejo salva-se. Oh! que os insectos me perdõem as interjeições sollemnes e as referencias ao seu fétido finalmente sobrepujado pelo de Conceição bréjeiro e aggressivo!...

Eu não me considero, nas argucias da polemica nacional um perfeito Conceição — modo de dizer um caloiro deploravelmente desastrado: todavia, acceitem-me a declaração sollemne os especta-

dores ávidos de sensações: — reconheço pela primeira vez a existencia d'uma situação falsa: — ha um moribundo que me insulta.

Eu resumo:

Ha quatro ou cinco mezes publiquei um livro — *Realismos*. Enviei o livro ao sr. A. da Conceição, como a um antigo confrade affectuoso. S. ex.ª, agradecendo a offerta, accusou-me de *uma acção má*: — assim classificava o meu trabalho. Não respondi. Decorrem tres ou quatro mezes, e Camillo Castello Branco publica a sua *Corja*; o sr. A. da Conceição escreve no *Seculo* um artigo recheiado de cortezias que o grande escriptor resume nas seguintes linhas enviadas ao sr. Julio de Mattos:

«Como calumnia, a afirmativa de que eu ridicularisava os romancistas portuguezes que fazem realismo;

«como affronta, a especulação mercantil com a ignorancia do publico;

«como insinuação vil o diagnostico de um deploravel phenomeno pathologico no meu cerebro.»

Pareceu-me chegado o ensejo de accudir pelos meus *Realismos* — «a acção má» condemnada pelo sr. A. da Conceição. N'um livrito *Do Realismo na Arte* (3.ª edição. pag. 54-56) sabi pela defeza do meu trabalho. A esse tempo, já Camillo Castello Branco empolgara o critico, já lhe esfregara o craneo e já as larachas escorriam originalmente do penedo ferido por Moisés. Então, o penedo... digo o critico... quero dizer o persevejo... ou, melhor, o sr. Conceição declarava no *Seculo* que os meus *Realismos* eram um trabalho de *lucidez e consciencia e que as minhas ideias eram as suas; que eu fôra o primeiro soldado da nova milicia a romper o fogo* — e outras doçuras que José Gregorio não sonhou para a sua vitrine incomparavel.

A bréjeirada era forte, — se o não era a covardia litteraria. Eu ia corrigir o descaro quando o sr. A. da Conceição me escreve (em 22 de fevereiro):

«Que as suas palavras do *Seculo* (de 19 do corrente) importavam a declaração de que «se enganára ao classificar de *má acção litteraria* o meu livro *Realismos*».

Decorrem duas semanas.

O sr. A. da Conceição accusa-me de incoherente quando affirmo veneração por Camillo Castello Branco: — *não perturbemos o sr. Silvea Pinto no extasi contricto com que se está babando diante do grande genio.*

Crê que o grande escriptor e eu nos aggrediremos como outr'ora e diz: — «Quando voltarem a unhar-se e a descompôr-se avisem, que queremos comprar um logar do sol para os desfructar.»

Accusa-me de citar menos correctamente as suas palavras: «está citando menos correctamente phrases das duas ultimas cartas que lhe dirigimos. Publique essas duas cartas na integra e depois discuta-as á sua vontade, já que está com tanto appetite de assoalhar a sua pessoa n'esta desgraçada questão. É-nos hoje muito indifferente a seriedade critica de s. ex.ª Não espere que o discutamos. Nós vamos andando e cantarolando aquelle verso do Dante:

Non ragionare di loro... etc.»

Mais não diz e eu hesito...

Concebe-se a hesitação. Durante largos annos considerei esse homem um modelo de sisudez, uma intelligencia forte — duplamente forte pela serenidade e pelo estudo. Ahi está o homem d'hoje...

Diz que me estou babando diante do grande genio. Eu lhe digo: se algum dos escriptos da actual contenda me provocou escorrecencias foi esse que ha de servir de epitaphio ao sr. A. da Conceição: foi esse artigo latrinario que promettia um gallego facinoroso como appendice ás gallegadas da ignorancia desmascarada e perdida. Escorrecencias houve, pôde crê-lo. Baba não lhe affirmo que fosse. O sr. Conceição penetra o que terá sido. Cheire o seu indigno artigo... *Abyssus abyssum...* Está o sr. Conceição percebendo. Exulta com um espectáculo provavel: o de nos unhar-mos Camillo Castello Branco e eu. Não creia tal, nem denomine incorrectamente (como diz) os factos de outr'ora. Eu não briguei com Camillo Castello Branco. — Aggredi o grande escriptor, a inspirações

que tem facil cabida em espiritos de vinte annos, e o mestre agredido corrigiu-me como agora o fez o sr. A. da Conceição. Ha uma differença nos nossos casos: eu tinha vinte annos; estudei, aprendi, tenho a consciencia do erro e a coragem de confessal-o. O sr. Conceição commette erros iguaes aos 40 annos da sua idade. Creio que não fará como eu: não se arrependará! Aos 40 annos é tarde para tomar juizo...

Espera o curioso espectáculo para disfructal-o. Já viram um desgraçado assim? Anda este pobre homem (ha tres mezes, creio eu) aos tombos, a alimentar de riso velhaco uns amigos desavergonhados que lhe louvam publicamente as desgraças e que lh'as censuram, em *cabaco*, verbalmente; larga em vomitos de injurias os restos do catalogo scientifico para admiração dos quatro parvos fieis que sabem da póda como eu sei de veterinaria: e, afinal, fallanos de espectaculos desfructados! É bico retorcido, ou cabeça romba?!

Diz que lhe cito menos correctamente as cartas e pede-me que as transcreva. Eu lhe fallo: a primeira carta—aquella em que denominava *acção má* os *Realismos* é inutil reproduzil-a, porque, tendo eu alludido ao seu conteúdo (veja *Do Realismo na Arte*, pag. 54), o sr. A. da Conceição annotou na 2.^a carta as allusões, reconhecendo implicitamente a verdade d'ellas. *Todavia, se insistir, hei de transcrevel-a.*

Pelo que toca á segunda carta, como o sr. Conceição responde com uma insinuação de *falsario* á delicadesa com que, em *minha defeza*, me referi apenas a duas phrases d'ella e como s. ex.^a me empra a publical-a, ahí a tem:

Meu amigo

Acabo de receber o elegante volume da 3.^a edição do seu bello folheto do *Realismo na arte*, e dou parabens á sorte que permittiu que o apparecimento d'este folheto fosse posterior de alguns dias ao meu ultimo artigo do *Seculo*, na polemica violenta que trago empenhada com o Camillo a proposito da *Corja*. N'este artigo terá visto o Silva Pinto que eu, rectificando voluntaria e espontaneamente a opinião precipitada que formara ao acabar de ler o seu livro dos *Realismos*, suppondo-o inspirado nas mesmas intenções reveladas pelo Camillo na publicação dos seus ultimos dois romances, faço inteira justiça á sua comprehensão de critico e á sua probidade de escriptor.

A minha resposta pois á ultima parte d'este seu folheto está dada antecipadamente e recebe d'esta mesma circumstancia toda a auctoridade d'uma declaração, que não pode ser suspeita.

Você tem uma grande admiração pelo talento do Camillo, e não serei eu que lhe queira mal por isso, pois que por diversas vezes eu mesmo dei publico testemunho de iguaes sentimentos. Na minha pequena critica á *Corja* estava hem explicito esse sentimento de respeito e de veneração pelo auctor de tantos livros que hão-de ficar. Esta superioridade porem não livra o Camillo de ser um polemista grosseiro e brutal, e eu é que não estou disposto a deixar-me esmagar pelo peso do idolo. Ando porem muito embirrado com tudo isto, por que me desagradam totalmente estes processos indigenas de polemica litteraria. Competiu-lhe a elle porem como agredido escolher as armas e não me é licito contestar-lhe esse direito. Escolheu o cacete, terá o cacete.

Creia-me

Figueira, 22 de fevereiro de 1881.

Seu amigo

Alexandre da Conceição.

Depois d'isto, queira s. ex.^a permittir que eu faça minhas as ultimas palavras do seu ultimo artigo e que as dirija aos quatro parvos fieis:

«Ao barulho da contenda sahiram á rua uns fraudiqueiros da litteratura e aproveitam o calor da refrega para me morderem os calcanhares com os seus pequeninos dentes empenhados na raiva da propria obscenidade. Nós previramos o perigo e tinhamos por isso sahido para o campo com as nossas botas mais grossas, de duas solas, com que, no exercicio da nossa profissão, temos pisado muita

lagartixa e esmagado com nojo outras alimarias mais inoffensivas do que estes idiotas d'um certo jornalismo, que como o burro da fabula, se persuadem que são gente pelo facto de trazerem encavalgado nos lombos o idolo da propria estupidez.

«Ficam desde este momento liquidadas todas as minhas contas com essa canzoada ignobil. Aqui lhes deixo um bolo de strichnina para cada um. Não se desavenham na partilha.»

Depois d'isto, finalmente, acho — sim, eu acho — que é tempo de recolher aos penates *por hoje* a minha «pessoinha». O sr. Alexandre da Conceição garante-me a sua abstenção despresadora e é o que vale á minha timidez: *elle* cala-se e eu grito. *Elle*, desde que eu repelli as suas louvaminhas requentadas e fedorentas, declara que «lhe é indifferente a seriedade da minha critica.» Julgava-me um indigno porque eu renegara os velhos insultos a Camillo, mas escrevia-me cartas sedutoras que resvalam, n'este cruel momento psychologico ao monturo do seu desprezo. Ah! pobre homem! não me despreze: que não vá a mascarada resvalar a seu turno a um geral cair de mascarar... Eu esqueço, — não lhe digo que perdôo; — eu adio o ajuste de contas para o dia em que elle não importe dolorosa quebra de auctoridade nas primeiras filas dos nossos correligionarios. Bem vê que tenho o sangue frio que ajuiza, a serenidade que espera, a força que reconhece os excessos de loucura, e que não perco de vista a grandeza d'uma causa quando aos pés me espadana o lamaçal dos ultrajes, em perigosa provocação...

Nas luctas parlamentares da França, ha quatro annos, Paulo de Cassagnac dizia a um pobre diabo insultador: — «Deploravel ideia a sua, senhor: matar Cassagnac! Tantos a nutriram até hoje... mas, posso garantir-lh'o: não é o senhor quem me mata.»

Ah! não foi o sr. A. da Conceição quem matou Cassagnac! Não, bom homem! não o matas, e, da investida feroz, até eu sobrevivo! Assim me não mate o rizo!...

SILVA PINTO.

NOTA.—Ao sr. Magalhães Lima, redactor principal do *Seculo*, (vid. o cabeçalho) enviei ha tres dias a *declaração* que n'aquella folha, hontem, se publicou. Ao meu amigo Magalhães Lima, que publicava as injurias do sr. Alexandre contra mim, cumpria publicar sem delongas a declaração. S. ex.^a demorou a publicação, allegando á ultima hora — «que ignorava absolutamente que fosse com o intuito de publicar-se.» Ora, a declaração rezava assim:

«Magalhães Lima.—Peço-lhe o favor de publicar no *Seculo* a «declaração de que no proximo numero das *Ribaltas e Gambiarras* (amanhã 20) responderei ao sr. Alexandre da Conceição.

«Seu

«Silva Pinto.»

Tendo sido, *afinal*, comprehendido que a declaração era *para publicar*, appareceu ella hontem no *Seculo*, com a epigraphe — *Pedido*.

No momento em que as minhas relações sociaes e particulares com o sr. Magalhães Lima se dasatam pela segunda e ultima vez, eu quero dizer a este collega — que é pena ver uma causa tão grande e luminosa servida por tão pequenas almas como a sua.

E nada mais.

S. P.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Circo Price

Agradar unanimemente ao numero publico que enchia o Circo, obter mesmo uma ovação, depois da fadiga que esse publico ha de experimentar naturalmente em presença de tantas maravilhas que successivamente, e ás vezes simultaneamente, disputam a sua attenção, é o maximo triumpho a que podiam aspirar os artistas distin-

ctísimos que trabalham actualmente no Circo, sob a direcção technica de Henry Whittoyne.

A companhia é pequena, dispõe apenas de um limitado numero de figuras, percebe-se que é uma *troupe* de transição, reunida por incidente, organizada para correr terras, mas em compensação cada um d'esses maravilhosos acrobatas, d'esses habilísimos gymnastas vale por dez!

É preciso ver o *triple trapezio*, executado a toda a altura do Circo por tres acrobatas, tres crianças, para ter ideia do que pôde o arrojado aliado á arte.

Está longe de ser para nós, e suppomos que para toda a gente, aquelle o ideal da mulher, mas quando a mulher chega por um trabalho previo de deslocação, de agilidade de gymnastica e de pericia áquelle ideal de coragem e audacia, toda a nossa admiração é pequena e todos os nossos applausos serão poucos.

Merece igualmente menção especial a *barra horizontal* pelos irmãos Gillenos, dois clowns cuja pantomima expressiva e engraçadíssima vale mil vezes mais do que a loquela sensabor do Tony Grice e cujos exercicios vertiginosos e perfeitísimos excedem o merito da maioria dos artistas da companhia Diaz que ahí esteve ultimamente, muito mais importante como quantidade do que como qualidade.

A *barra fixa* e o *volteio aereo* são dois exercicios igualmente admiraveis em que os homens e as mulheres realizam por vezes prodigios de agilidade, equilibrando-se sobre uma corda, a grande altura, pairando no espaço, fendendo-o em voos e dando saltos mortaes verdadeiramente assombrosos.

O can-can final, um estapafurdio can-can de uma excentricidade inarravel, provoca sempre uma vozeria infrene por parte dos amadores.

Se não receiassemos as iras brasileiras, que segundo consta e o sr. Bordallo comprova, não são inteiramente inoffensivas, pediríamos ao excellentissimo Whittoyne, a quem o publico de Lisboa deve entre outras cousas apreciaveis a de lhe facultar ensejo de admirar os artistas húngaros, notabilísimos a todos os respeitoes, que reforçasse a *troupe* com mais algumas figuras e que renunciasse ao Pará, na certeza de que não lhe faltariam nem enchentes nem applausos.

BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido além dos jornaes de que demos conta ultimamente, os seguintes: *Diario Civilizador*, *Canções* e *Rabeca do Diabo*. Do *Jornal de Domingo* recebemos unicamente o 1.º numero e da *Revista do Norte* apenas tres ou quatro.

*

* *

O Brazil que caminha a par das nações mais adiantadas, tem tambem um jornal redigido por senhoras. Acaba de ver a luz da publicidade o 1.º numero da *Mulher*, dirigido pelas sr.^{as} D. Josepha de Oliveira e D. Generosa Estrella. Esta senhora é formada em medicina pela escola de Philadelphia. O novo jornal propõe-se advogar a *emancipação da mulher*.

*

* *

Distribuiu-se o n.º 54 da *Moda Illustrada*, publicação interessantissima editada pelo sr. David Corazzi.

LIVROS NOVOS

Do primoroso livro *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho, um estudo biographico importantissimo, onde por entre a linguagem tersa do critico illustrado vislumbra a cada passo a commoção sentidissima do filho, arrancamos o capitulo xxviii, de um grande interesse historico e litterario. Este livro que representa a homenagem de um escriptor a outro escriptor, é tambem um monumento erguido pela piedade filial, acrysolada no exercicio da caridade, visto que o producto da obra reverte a beneficio da Escola Castilho, fundada em memoria do grande poeta e traductor eximio, Antonio Feliciano de Castilho.

Conjecturo que teria sido d'esse varão (ou talvez d'antes) o principio das relações amigaveis e respeitossimas, que ligaram Castilho á insigne poetisa d'aquelle tempo, a sr. D. Francisca de Paula Possollo.

Foi a sr.^a D. Francisca Possollo (*Francilia, pastora do Tejo*, era á moda do tempo, o seu nome arcadico) uma alma vibrante d'aquellas em quem dão echo os acontecimentos grandes do mundo exterior; espirito verdadeiramente alto, activo, ousado, irrequieto; coração poetico e bom, cheio de lagrimas para todos os infortunios, e de entusiasmo para todos os rasgos nobres. Quem ella foi, o que ella valeu, o que ella padeceu e amou, já o bosquejou na sua prosa corinthia o nosso poeta, seu sincero apreciador.¹ O primeiro vestigio impresso das relações do joven estudante com a poetisa, então em vigo de annos, e no esplendor da sua reputação litteraria, encontra-se em 1822 na primeira edição da *Primavera*.² Ahí diz o auctor, fallando das mães a amamentarem os filhos:

Eil-as co'o proprio leite a sustental-os:
taes como descreveu nos magos versos
Francilia, musa do meu patrio rio,
a doce amiga sustentando o filho,
«igual a Venus com Amor nos braços.»³

Anteriores porém a essa citação do nome de Francilia, possuo versos ineditos datados de 15 de dezembro de 1821, onde o nome d'ella é memorado com muito carinho e saudade. Achava-se o auctor em Coimbra; trazia em meio talvez a continuação das *Cartas de Echo e Narciso*, cuja primeira parte (nove epistolas) acabavam, como vimos, de sair a lume, e todos o instavam pela segunda parte. Chegara havia pouco de Lisboa, onde tivera a fortuna de assistir como espectador obscuro, mas nunca indifferente, ás ruidosas manifestações liberaes que bosquejei.

Quer fossem as asperidades do inverno que entrara n'esse anno desabrido, quer fossem algumas das causas sem nome que tanta vez agitam estas nervosas creaturas incomprehensíveis que se chamam os poetas, o caso é que se sentia triste, melancolico, saudoso dos passatempos de Lisboa, do theatro francez que então havia no Salitre,⁴ e dos serões litterarios a que assistira em casa de Francilia; em summa: com a nostalgia dos versos, que é a mais dolorosa das nostalgias. Como desabafo escreveu a Francilia uma sentida epistola, que possuo inedita, e que principia:

Se do Tejo feliz na florea margem,
á sombra verde dos frondosos loiros,
prendendo as vagas, attrahindo as selvas,
Francilia solta os canticos amaveis,

.....
abatei, versos meus, o adejo vosso;
esperae que Francilia algum momento
em que tréguas lhe dêem o Amor e as Musas,
pense no vate, que em suspiros nutre
á margem do Mondego a atroz saudade
da lyra sua!.....

.....
Dizei que aos patrios campos extorquido,
qual arvore arrancada ao chão materno,
n'estes ares não seus vegeta apenas,
sem forças, sem vigor, o ledó vate;

.....
que em vez das rosas, dos jasmíns, das murtas,
que em torno d'ella a primavera encantam,
aqui medonho inverno os ares turva.

.....
Aqui duros cuidados me rodeiam,
e aos lares de Minerva as Musas fogem.

¹ Biographia anteposta á traducção da *Pluralidade dos mundos*, de Fontanelle, pela sr.^a D. Francisca Possollo.

² Pag. 167.

³ Este verso deve ser de Francilia, mas não o encontro no volume das suas poesias.

⁴ Dil-o o sr. Silva Tullio no *Archivo Pittoresco*, tom. vii, pag. 283.

Francamente, essas lagrimas do imberbe sonhador, degradado, desconhecido, fazem lembrar talvez as lagrimas amargas

do sulmonense Ovidio desterrado.

mas nem pouco que seja nos commovem.

E entretanto, não era para pouca saudade o que elle acabava de deixar em Lisboa: nada menos que a convivencia de tantos talentos nos lares da poetisa lisbonense, no bairro inglez de Buenos-Ayres.

A casa da rua das Trinas, hoje n.º 128, que ainda é propriedade da sua familia, habitava-a, e habitou-a sempre até a morte de seu marido, a sr.ª D. Francisca Possollo.

Bons salões, cheios de todos os commodos de uma existencia elegante no melhor mundo; lindo e sombreado jardim, que no alinhamento e variedade revelava o bom gosto da sua intelligente possuidora; bom piano, bons livros, muita vez boa musica; um theatrinho muito completo, onde algumas recitas agradaveis se deram; e sobretudo optima e escolhida sociedade, presidida pelos mais hospitaleiros dos amphytriões; eis o que attraia n'aquella casa, e o que fez d'ella por seguidos annos o *rendez-vous* de toda a Lisboa intelligente e litteraria.

Além de varios membros da familia Possollo, ou affins, taes como o sr. conselheiro Lourenço Germack Possollo, chefe de divisão da armada, o sr. conselheiro Antonio Candido de Faria, antigo diplomata, o sr. Frederico Hogan de Mendonça, descendente do conhecido e valente sargento-mór de batalha, João Hogan, inglez, que relevantes serviços prestou a Portugal em tempo d'el-rei D. João V, os srs. Quintellas, os srs. Larchers, etc., viam-se nas companhias de Francilia os homens de maior nomeada d'esse tempo. Citarei alguns:

o illustre general engenheiro Pedro Folque, que falleceu centenário;

o celebre Joaquim Antonio de Aguiar, então em todo o vigor da mocidade, e oppositor em leis;

o eminente e bondoso Filipe Folque, ainda estudante de Coimbra, e que depois veio a alliar-se com uma das sobrinhas de Francilia, e falleceu par do reino, general de divisão e conselheiro de estado;

o poeta Belchior Curvo Semmedo, um dos representantes da fecunda geração arcadica;

outro poeta, o juvenil e elegante Almeida Garrett, cujo nome começava a aureolar-se da sua gloria, e que em 29 de setembro d'esse mesmo anno de 1821 viria representar no theatrinho do bairro alto, e perante um publico escolhido, a sua estreia dramatica, a liberal tragedia *Catão*; ⁵

o erudito e amavel Anacreonte brasileiro, Domingos Borges de Barros, depois visconde da Pedra Branca, pae da actual sr.ª condessa de Barral, camareira-mór de S. M. a imperatriz do Brazil ⁶;

o poeta dos apologos, João Vicente Pimentel Maldonado, então deputado ás côrtes pela provincia da Estremadura;

o engraçadissimo Pinto de Massuellos, commensal dos mais argutos engenhos da era;

a senhora marquez de Alorna, ella, a profunda, a celebrada Alcippe com cuja amisade se honrou toda a vida o cantor das *Cartas d'Echo*;

o traductor de Virgilio, José Victorino Barreto Feyo, deputado pelo Alentejo;

o poetico e vivissimo conde de Sabugal e Obidos, D. Manuel Mascarenhas, que lembrava um dos mais brilhantes senhores de Luiz XIV;

o almirante José Joaquim Lopes de Lima;

o bondoso e sabio José Maria Grande, que falleceu par do reino, e foi ornamento das sciencias naturaes;

alguns membros da familia Celestino Soares, taes como: o velho general Pedro Celestino; o auctor dos *Quadros navaes*, almirante Joaquim Pedro Celestino Soares, de quem lá para a Lisboa, o de fallar muito; o erudito e sagaz Joaquim Antonio de Magalhães, então deputado pelo Minho, e depois ministro de estado; o general Chapuzet, governador de Cabo Verde; o sympathico major Zacharias de Araujo, que veio a ser o Nestor da liberdade portugueza; a sr.ª D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado, tambem poetisa como seu irmão, e de bons quilates; a sr.ª D. Thereza Xavier Botelho, da casa de S. Miguel, cujo distincto talento já era hereditario, e o continuou a ser; nas raras vezes em que vinha a Lisboa, o chamado Horacio portuguez, padre Leitão de Gouvêa, cuja memoria ficou tão querida para todos os que o trataram de perto; e finalmente alguns Castilhos, como Adriano, Albino, e o poeta assumpto d'este livro. Junto d'estes, que menciono de ouvida, quantos mais não iriam animar os serões semanaes de Francilia, onde a conversação, as representações chistosas, a musica, a dança e os versos, não deixavam frega por onde entrasse o minimo aborrecimento.

Ali vivia-se; sentia-se correr deliciosamente a vida entre mil occupações intelligentes. Aquella casa, com os seus salões tão hospedeiros, as suas duas renques de altas sacadas, tanta vez illuminadas com os clarões das festas intimas, aquella casa d'onde ressumbrava calor litterario e artistico, tinha-se tornado um como templosinho da arte.

Era então Francilia (segundo as tradições, e o seu retrato a oleo, que ainda lá pende de paredes suas) uma gentil dama, de estatura muito proporcionada e fina, tez branca, e nos olhos luminosos um *quid* que fascinava. Era muito bondosa e affavel; digna sacerdotisa do culto de Apollo (para fallarmos á maneira de então). Cultivara-se-lhe o espirito na convivencia das suas loiras primas, «as nove do monte Heliconio»; e conseguira, já pela educação esmerada que recebera na illustre casa paterna, já pelo estudo nunca interrompido, um logar distinctissimo entre as senhoras mais cultas.

Se não haviam de entender-se aquelles grandes espiritos!: o d'ella e o do estudante, já auctor do poema *Cartas de Echo e Narciso!* Relações foram a que só pôz ponto a morte d'ella.

A nobre personalidade d'esta escriptora de raro talento, desenhou-a com mão de mestre o seu admirador Castilho; a fama publica celebrava em Francilia um dos braços das lettras patrias, e os principaes poetas a cantavam. É correr a collecção das obras da senhora marquez de Alorna, por exemplo; lá vem a miudo o nome de Francilia engastado em epistolas, odes e sonetos; citarei apenas estes versos d'uma ode, imitação de Horacio, em que a illustre Alcippe, dirigindo-se á sua graciosa amiga, se expressa d'este modo:

Tu, qual Musa divina, é que regulas
as doces consonancias,
que da cythara minha colhe o estro;
tu, que do cysne as vozes
aos mudos peixes inspirar bem podes.
De ti me vem a gloria
de *cantora immortal* na lusa terra;
por ti respiro e agrado;
e se agrado, de ti tudo procede,
a gloria te pertence.

Tal era a brilhante Francilia entre a pleiade dos engenhos do tempo.

Seu marido, que servira na marinha de guerra, era o sr. João Baptista Angelo da Costa, caracter ameno, e que, não sendo poeta, possuia uma qualidade bem apreciavel nos que o não são: a de tolerar os cultores do bello. Ha logar para todos. Assim, sem contribuir litterariamente para os seus serões poeticos, animava-os elle e presidia-os com raro conhecimento e tacto do mundo.

.....
Que deliciosa casa! e tudo isso já lá vae!... Engano-me. Se já lá vão os convivas, quasi todos, ainda aquellas paredes não desaprenderam a hospitalidade; ainda aquelle ar se inspira de versos; ainda ali se lêem e commentam os melhores livros; e apesar da sombra e da voluntaria reclusão da sua viuvez, a actual dona d'a-

⁵ Diz isto o sr. Silva Tullio no *Arquivo Pittoresco*, tom. vii, pag. 382. O sr. dr. Paulo Midosi descreveu a representação e os seus preliminares n'uma serie de interessantes folhetins, intitulados: *Os ensaios de Catão*, no *Diario de Noticias* de outubro de 1878. É um bom esboço de quadro para este passo da vida do grande dramaturgo.

⁶ A este ornamento das lettras brasileiras dedicou o nosso poeta a sua versão dos Amores de Ovidio; e ha na *Grinalda Ovidiana* uma nota cujo assumpto é o distincto poeta do Brazil.

quelle palacete outr'ora tão alegre, é, pelo sangue e pela alma, uma digna representante da sua predecessora ⁷.

JULIO DE CASTILHO.

QUESTÃO ROMANTICA

Depois da *Questão litteraria* que tão alvoroçados traz os nossos numerosos assignantes e leitores, supomos que o melhor que lhe podemos offerecer é uma *Questão romantica*. Figuram n'ella dois corações e tres espiritos, espiritos dos mais subidos quilates, sendo o terceiro o de um grande poeta festejadissimo, a quem devemos a remessa da carta e dos versos que damos em seguida. Faz elle a pirraça ás leitoras de occultar o nome. Adivinhem-n'o, se são capazes, e respondam ao novo Paulo, na certeza de que publicaremos com o maior prazer as cartas e versos que a tal respeito nos forem endereçados.

Cara amiga

Ahi vão esses versitos. Escrevi-os para ser interprete d'um adolecente deveras apaixonado. Nem outra coisa podia ser: Eu, para Paulo, estou muito maduro, e as Virginias andam muito verdes!

Março, 11, 1881.

Seu

* * *

PAULO A VIRGINIA

Tu, doente, mal sabias,
No torpor da enfermidade,
Qual era a minha anciedade,
Se o soubesses — tu morrias!

Na inconsciencia do delirio,
A dôr para ti correu;
Mas consciente passei eu
Todo o meu longo martyrio!

Quando á beira do jazigo
Vacillaste tanta vez,
Não estar eu a teus pés,
Não morrer ali contigo!

Mas longe de ti, sem ter
Mais que uma noticia vaga,
E a tormenta vaga a vaga
Na minh'alma a recrescer!

Nem via os astros de Deus
Por esses espaços fóra;
Mas accenderam-se agora
Com a luz dos olhos teus!

Como não vim a cegar,
Luz santa, luz adorada,
Ao ver-te quasi apagada,
E ao ver-te agora brilhar!

Tu, ao partires, emfim,
Da terra — o ceu entreviste;
Mas, vendo o ceu, preferiste
Ficar na terra por mim!

Para que eu possa pagar
Tal fineza, tal extremo,
Revella-me, ó Deus supremo,
Como tu sabes amar!

PAULO.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

A C.

Agora, que eu te vejo
De todos desprezada,
Sosinha, abandonada,
É que eu te estendo a mão!
Agora, que essa turba
Se ri, moteja, e passa,
E que ao teu se abraça
Meu pobre coração.

Que a mim tudo o que soffre,
Ou seja verme, ou planta,
Ou peccadora, ou santa,
Me prende e me seduz;
E nem sequer indago
A origem d'esse pranto,
Que o soffrimento é santo,
E é redempção a cruz.

Tu tens orgulho, calca
Aos pés a turba ignara,
Que, de *virtude avara*,
Sorri á tua dor!
Olha-os bem, Tartufos
Que nem sequer occultam
Os vicios, que lhe avultam
Na face sem pudor!

Que o ascoroso bando
Um pranto só que seja
Na face te não veja,
Não leia em teu olhar!
Invoca o teu orgulho,
Encara-os socegada,
Que á triste, á desgraçada,
Deus sabe perdoar.

JOSÉ DE NAPOLES.

RUMORES DOS PALCOS

Juizo critico do Porto ácerca da ESTRANGEIRA, de Dumas filho.

Com a representação da comedia em 5 actos de Alexandre Dumas, *A Estrangeira*, concluiu ante-hontem a série de tres unicas recitas, que veio dar ao Principe Real a companhia do theatro de D. Maria, que hontem mesmo retirou para a capital.

Pôde dizer-se que fechou com chave de ouro, porque das produções que se exhibiram foi a *Estrangeira* a que melhor acceitação logrou do publico, talvez pelo genero a que pertence, e que mais é do agrado das plateias. Desenvolvendo-se a acção n'um meio social da actualidade, apesar de algumas inverosimilhanças, a obra que ahi vimos reúne numerosos requisitos para captivar o applauso. O resultado da inconveniencia de um casamento desigual, na fortuna e na posição dos conjuges, tal é o assumpto que se explora, sem se apresentar a solução legal de similhante conjunctura, uma vez dada; é bem evidente que ha a intenção de apresentar uma das phases conjugaes que poderiam abordar a controvertida questão do divorcio, que tanto tem agitado a sociedade franceza.

Corridas varias peripecias e diversos episodios, mais ou menos vistos já, o final não satisfaz á these melindrosa, nem corresponde á intensidade da acção que se desenvolvera, com notoria felicidade dramatica. Todo o incontestavel merecimento da peça se condensa nos varios caracteres que a compõem e que estão magistralmente acabados, devendo especialisar-se o de Remonin, Antunes; o de

⁷ Este capitulo foi escripto em outubro de 1876.

Clarkson, Joaquim de Almeida, um *yankee* da gema; o da duqueza de Septmonts, Virginia; o de Mauriceau, Pinto de Campos, um burguez admiravel de verdade; e o duque de Septmonts, Augusto Rosa; o de Gerard, João Rosa; o de Mistress Clarkson, Carolina Falco, pomposa vingadora de opprobrios recebidos, typo original; e outros.

Ha colloquios soberbos, como os de Remonin, o typo mais perfeitamente acabado, em varias situações habilmente combinadas; o do americano Clarkson com o duque; e os da duqueza com Gerard e marido sobretudo. A exquisita criação da *Estrangeira*, mistress Clarkson, tem para nós a excentricidade dos productos da sua procedencia, a singularidade de tudo quanto é americano, importado para um meio social muito differente. Virginia, ao vêr restituído á sua convivencia Gerard, o amigo da sua infancia, nos excellentes dialogos que com elle trava, é terna, sentimental, poetica; suspira a phrase, com uma incomparavel arte de dicção, e uma ingenuidade encantadora, n'aquelle idyllio de amor innocente, sem pensar ou sem se importar de que, perante a legalidade existente, compromettia a sua posição de esposa legitima de outrem, que não amava e por quem não era amada.

Depois, quando exprobra as baixezas do marido dissoluto que a desposára, por mera especulação, foi digna e sympathicamente severa, teve o rosto, o olhar illuminado pela indignação justa, e os labios vibraram-lhe admiravelmente as accusações do aristocrata opportunist. Não se pôde dizer melhor, com mais consciencia, nem com mais cabal conhecimento da arte. O publico victoriou-a estrondosamente, e no final do acto chamou-a repetidas vezes, bem como aos srs. João e Augusto Rosa, que se tornaram crédores da consideração que se lhes tributou.

João Rosa, ainda que rúco, imprimiu á phrase todo o relevo e traduziu a primor a nobreza do excellent character de Gerard.

Pinto de Campos, admiravel de verdade, com a sua consciencia de artista; Joaquim de Almeida, um typo perfeito; e A. Antunes, como um dos melhores.

A sr.^a Carolina Falco tirou todo o resultado que podia do seu papel ingrato; e a sr.^a Emilia dos Anjos e Baptista cooperaram igualmente no desempenho correcto e harmonico que a peça teve.

O publico enthusiasmo-se com este conjuncto feliz, que poucas vezes se vê, e não poupou intensos e estrondosos applausos, nem repetidas chamadas aos interpretes, distinctissimos cultores da arte scenica.

O theatro tinha uma multidão de espectadores muito superior á que, em boa lei, devia comportar, para não ficarem todos encommo-dados; mas era a ultima representação irrevogavel, e os espectaculos de primeira ordem todos os querem vêr, embora tenham de soffrer peor accomodação.

A companhia retirou penhorada deveras, pela acceitação e estima que obteve no Porto.

*
* *

O actor Silva Pereira, que é esperado em Lisboa, foi extraordinariamente obsequiado no seu beneficio de despedida no Rio de Janeiro. Silva Pereira recebeu muitos brindes de valor e um sem numero de felicitações. Representaram-se n'essa noite as comedias *O primo Bazilio*, *Peperlin* e *Trinta botões*.

*
* *

Gervasio Lobato concluiu uma comedia em 4 actos que destina ao theatro de D. Maria. Intitula-se *Sua Excellencia*.

*
* *

Moura Cabral escreveu uma comedia original com o titulo *A carta de conselho*.

*
* *

A insigne cantora Borghi Mamo está escripturada, como já dissemos, para fazer a proxima estação lyrica do theatro de D. Pedro II do Rio de Janeiro. A grande *virtuose* vae ganhar dez contos de

réis fracos por mez. Faz parte do seu repertorio *O Mephistopheles* de Boito.

*
* *

Está em scena no theatro Lucinda do Rio de Janeiro a opereta em tres actos, *A torre em concurso*, original do escriptor brasileiro J. M. de Macedo, musica de Furtado Coelho.

*
* *

Subiu á scena no theatro Baquet, do Porto, o drama em 5 actos, traducção de Salvador Marques, *A tomada da Bastilha*.

*
* *

No dia 26 de fevereiro, 80.^o anniversario do grande e universal poeta Victor Hugo, em que a capital da França deu ao mundo o spectaculo maravilhoso de uma nação celebrando a apotheose de um vivo, que pertence já á posteridade, embora pertença ainda ao presente pelo involucro material, onde arde o mais levantado espirito que tem illuminado a terra, a *Gaieté* de Paris deu a *reprise* da *Lucrecia Borgia*, de Hugo. O papel de Lucrecia creado por mademoiselle Georges, que lhe imprimira traços indeleveis, foi desempenhado por mademoiselle Favart com mais arte do que naturalidade, segundo a opinião da critica franceza. O personagem de Genaro, que foi uma das glorias de Frederico Lemaitre, coube ao actor Volny e o de duque d'Este a Dumaine.

*
* *

No *Atheneu Comico* de Paris representa-se actualmente com algum exito a comedia *Les noces d'argent*.

*
* *

Deve chegar brevemente a Lisboa a companhia de opera comica franceza que vem funcionar no theatro dos Recreios.

*
* *

Estão actualmente em scena nos theatros Sant'Anna e Phenix, do Rio de Janeiro, as nossas conhecidas operas comicas *Les Brigands* e *Madame Favart*.

*
* *

Obteve um grande exito no Rio de Janeiro uma comedia original do sr. dr. Ferreira de Araujo, redactor da *Gazeta de Noticias*. Intitula-se *O Primo Bazilio*.

EXPEDIENTE

Compram-se n'esta redacção, rua dos Fanqueiros 87, os n.^{os} 1 e 3 das «Ribaltas».

Na quarta-feira publicaremos o n.^o 15 com a resposta do sr. Camillo Castello Branco ao sr. A. da Conceição.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero 20 réis
Lisboa Assignatura de 25 numeros 500 »
Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros 2,500 réis
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—93, Rua dos Ourives, 93.

Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

LUVAS A' BON MARCHÉ

O CENTRO COMMERCIAL, expõe a melhor luva que se póde manipular em pellicia russiana, franceza e nacional aromatizada com o mais distincto perfume oriental. Preço de luva com 4 botões para dama e com 2 para cavalheiro são 500 réis!!! Envia-m pelo correio a troco de estampilhas e fazem grandes abatimentos para exportação.

DEPOSITOS PRINCIPAES

LISBOA, Rua Aurea, 120 a 122—PORTO, Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

Ha luvas para todos os preços no Centrô Commercial.

A MODA ILLUSTRADA

JORNAL DAS FAMILIAS

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, explicações e desenhos de bordados, moldes de tamanho natural, trabalhos de agulha, romances, chronicas, bellas-artes, enygmias pittorescos, litteratura, annuncios, etc.

É o unico jornal escripto em portuguez e que dá folha de moldes em todos os numeros

Preço da 1.ª edição (Com grav. color.)
24 numeros, 24 moldes e 24 figurinos coloridos
Anno 4\$000
Semestre. 2\$100
Trimestre. 1\$100
Avulso 200

Publica-se Nos dias 1 e 15 de cada mez

Director-proprietario, David Corazzi

ADMINISTRAÇÃO

42, Rua da Atalaya, 1.ª—Lisboa

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Preço da 2.ª edição (Sem grav. color.)
24 numeros e 24 moldes unicamente
Anno 3\$000
Semestre. 1\$600
Trimestre. 580
Avulso 160

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 19.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE á BON MARCHÉ. Luvas e regalos.

LISBOA—Rua Aurea, 120 a 122.

PORTO—Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

SURPREZA!

ÁS PESSOAS QUE COMPRAREM MACHINAS DE COSER ATÉ AO FIM DO MEZ DE MARÇO NA EXPOSIÇÃO DE MACHINAS DE COSER E CASA DE COMMISSÕES

DE
Antonio Ignacio da Fonseca & C.ª

Praça de D. Pedro, 15—Largo da rua do Principe, 5 a 10
(Frente á rua Nova do Carmo)

LISBOA

Vinde examinar e ficareis convencidos que são estas as unicas machinas de coser que não arruinam a saude ás pessoas que com ellas trabalham, pois uma crianca de CINCO ANNOS as faz mover sem o minimo esforço.

Não vos illudis com os preços baratos que por ahi se offerecem porque são apenas bocados de ferro simplesmente preparados para a illusão do publico, ao passo que todas as nossas machinas são construidas de bom aço e magnificamente temperadas; e por isso a sua deterioração é

IMPOSSIVEL

Todas as machinas se vendem a pequenissimas prestações e com grandes vantagens aos compradores de prompto pagamento.

Garantia sem igual, torcaes, algodões e agulhas para todas as machinas e concertam-se todos os systemas.

Praça de D. Pedro, 15—Largo da Rua do Principe, 5 a 10
(FRENTE DA RUA NOVA DO CARMO)

Lisboa

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA & C.ª

HISTORIA DE UM GATO PRETO

9.º SONETO

Carta do derriço:

Amelia, co'estes olhos cheios d'agua,
Soube pelo Diario de Noticias
Que o gatinho, a que davas mil caricias,
Te deu cabo das jóias. Grande Magua

Para este peito, onde d'amor a fragua
Arde mais do que em peitos de policias!...
A dôr que então senti, capaz de et'ricias,
Gravada n'alma fundamentalmente trago-a!

Mas não te rales; eu me comprometto
A indemnisar-te do fatal revez
De que foi causador o gato preto.

Acceita um beijo por mais esta vez;
E domingo, á saída do Loreto,
Vamos á RUA AUREA, 103.

(Para a semana falla * * *)